



**A PUBLICAÇÃO COMO MICROECOSSISTEMA: ENTRE VESTÍGIOS DO
EFÊMERO E DESEJOS DE EXISTÊNCIA**

**THE ARTIST'S PUBLICATION AS MICROECOSYSTEM: TRACES OF THE
EPHEMERAL AND LONGINGS FOR EXISTENCE**

Gabrieli dos Santos da Silveira¹
UFPel
Associado/a/e ANPAP: não

Helene Gomes Sacco²
UFPel
Associado/a/e ANPAP: não

RESUMO

Este artigo investiga a publicação artística como um microecossistema poético, a partir de uma prática que articula efemeridade, fabulação e resistência no cotidiano. A pesquisa, fundamentada na Metodologia das Artes Visuais, entrelaça teoria e prática por meio do uso de materiais frágeis como notas fiscais térmicas e do desenho de “bichos” que habitam ambientes urbanos. Investigo como a efemeridade, presente nos suportes e nos temas, pode ser acionada como crítica ao consumo e como gesto de resistência. Ao pensar a publicação como território, construo lugares de memória e de convivência entre bichos, espécies ameaçadas e imagens que insistem em existir.

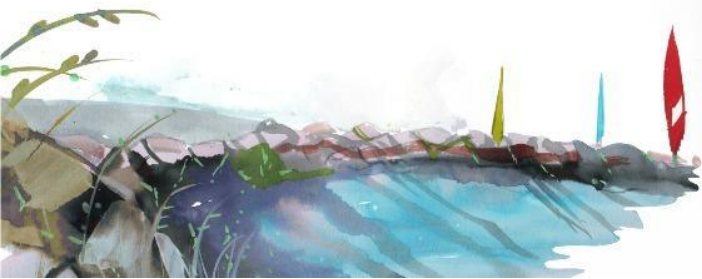
Palavras-Chave: Publicação artística. Efemeridade. Microecossistema. Fabulação. Resistência.

ABSTRACT

This article investigates the artist's publication as a poetic microecosystem, grounded in a practice that articulates ephemerality, fabulation, and resistance in everyday life. The research, based on the Visual Arts Methodology, weaves together theory and practice through the use of fragile materials such as thermal receipt paper and drawings of “critters” that inhabit urban environments. I explore how ephemerality, present in both mediums and themes, can be activated as a critique of consumerism and as a gesture of resistance. By envisioning the publication as a territory, I create spaces of memory and coexistence among critters, endangered species, and images that insist on existing.

¹ Mestre em Artes, na linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano no PPGARTES/UFPEL. Bacharel e Licencianda em Artes Visuais, pela mesma instituição. Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/7937703930611318>.

² Professora e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes, no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. Doutora em Artes Visuais, na linha de pesquisa em Poéticas Visuais no PPGAV/UFRGS. Possui Mestrado em Artes Visuais, com ênfase em Poéticas Visuais, pela mesma instituição. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7729369777149419>.



KEYWORDS: *Artist's publication; Ephemerality; Microecosystem; Fabulation; Resistance.*

Por onde o bicho passa, algo fica

Essa pesquisa é um desdobramento da minha dissertação *Condomínio de Espécies: A Publicação Artística como Lugar de Fabulação nas Artes Visuais*, desenvolvida no Mestrado em Artes, na linha de Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano. Ela envolve uma coleção de “bichos” que crio por meio de desenhos, presentes nas páginas dos meus cadernos, onde continuo os arquivando em forma de séries.

Na pesquisa, utilizo a Metodologia proposta pela Sandra Rey para as Artes Visuais, que se concentra na observação do processo criativo e no movimento entre teoria e prática. Como estratégia, adoto alguns instrumentos para uma análise poética dos trabalhos, como a observação detida no processo, em específico os meus cadernos (Rey, 2002) e as coisas (Ingold, 2012) do meu cotidiano que se transportam para dentro da publicação artística. A partir dessa base, a metodologia assume uma abordagem teórico-prática, na qual a produção artística é um modo fundamental de investigação e reflexão crítica para pensar os extremos.

As reflexões da prática artística, é parte do processo de criação quando nos detemos a observar alguns elementos que se repetem ou que se destacam e podem proporcionar novas formas de perceber e desdobrar os trabalhos. Um percepção importante para este texto é a efemeridade como parte da minha poética, tanto no conteúdo, quanto nos meios e suportes utilizados: papéis que se apagam, se desmancham, materiais acessíveis e ou de reuso, notas fiscais e as formas como são impressas, tenho me interessado pela brevidade das coisas, observando de forma crítica a participação desta questão junto ao cotidiano e ao capitalismo, mas também a o efêmero como possibilidade de diminuir resíduos, trabalhar com o mínimo de impacto. Tenho trabalhado na perspectiva de pensar a publicação artística como um “espaço alternativo” (Mœglin-Delcroix, 2015), um novo habitat para os seres que crio. Os seres que habitam essas publicações encontram uma nova ordem de espacialização nos “Lugares-Livro”³. Gosto de pensar que ocupam as páginas



metaforicamente como sua nova casa. Portanto, em minhas produções publicações são entendidas como um território utópico que busca criticar e expandir os espaços perdidos na natureza, formando um *condomínio de espécies* nas páginas, onde os *bichos* habitam e dialogam entre si.

Nos meus trabalhos, escolho a palavra “bicho” para me referir aos seres que desenho, pois o termo “animal” teve um percurso tortuoso ao longo do pensamento ocidental. Se em certos momentos da história “animal” não excluía o humano (Maciel, 2023, p.13), foi a filosofia de René Descartes, consolidada no século XVIII, que transformou o termo em um antônimo de “humano” (Maciel, 2023, p.14). Buscando uma palavra que alcançasse esses seres sem essa separação, encontrei em “bicho” uma alternativa mais afetiva. Embora um de seus significados no dicionário seja “qualquer animal, com exceção do humano”, ela também carrega uma carga positiva em certos contextos, ao nomear com proximidade e ternura os animais não humanos (Maciel, 2023, p.19).

Percebi ao concluir a dissertação um aspecto que atravessa toda a minha investigação atual: a volatilidade tanto dos temas que pesquiso, quanto dos materiais que utilizo. Como havia apontado trata-se de uma produção marcada pela efemeridade o que me levou a pensar na relação desta palavra com todos os extremos que vivemos hoje em dia. Vivemos sob constante ameaça de apagamento, e essa é uma condição imposta pelo sistema em que estamos inseridos. Assim como os bichos enfrentam o risco crescente de extinção, tudo dentro desse sistema é regido pela transitoriedade, com existência volátil, que já prevê sua sequência e ou substituição. Essa característica se tornou ainda mais evidente com a aceleração promovida pelas redes sociais e a fluidez do tempo contemporâneo. E por produzir imagens por via do desenho, me pergunto quais imagens devo produzir? Como produzir em meio ao constante apagamento de tudo? As imagens não são feitas para durar, já não buscam uma experiência de contemplação alargada.

No que diz respeito aos materiais, ao pensar no resgate da memória dos bichos do meu cotidiano, evidencio o apagamento e a brevidade das coisas utilizando suportes que desaparecem sem que percebamos, como as notas fiscais térmicas, cuja



impressão se apaga com o tempo. Em determinado momento, desenhei sobre essas notas, tentando produzir algo que perdurasse mais que o próprio registro do consumo; agora, tenho buscado potencializar esse apagamento como parte da poética do trabalho.

Perceber a duração e a brevidade me colocou num processo de reflexão de muitas questões: Qual o tempo das coisas? O que pode durar mais, a natureza ou os produtos industriais? Como e para quê se programa a duração das coisas no capitalismo? Como a natureza programa a vida e sua duração? Qual a relação da arte com a duração das coisas? Qual o papel da arte frente à obsolescência? Pode a arte programar a duração da vida das coisas? Como produtora de imagens o que faço estaria a serviço do quê e de quem? Com essas perguntas não procuro uma verdade, uma resposta absoluta e definitiva sobre algo, mas elas e ainda outras mais, me fazem pensar e compreender como é complexo criar algo no mundo hoje sem refletirmos sobre a relação com nossa situação climática e sobre o impacto daquilo que produzimos.

Procuro potencializar essa questão da efemeridade de tudo que me interessa e, também, abordar as efêmeras *coisas* (Ingold, 2012) que costumam passar despercebidas em nosso cotidiano.

A árvore é um objeto? Em caso positivo, como a definiríamos? O que é árvore, e o que é não árvore? Onde termina a árvore e começa o resto do mundo? [...]. A casca, por exemplo, é parte da árvore? Se eu retiro um pedaço e o observo mais de perto, constatarei que a casca é habitada por várias pequenas criaturas que se meteram por debaixo dela para lá fazerem suas casas. Elas são parte da árvore? E o musgo que cresce na superfície externa do tronco, ou os líquens que pendem dos galhos? Além disso, se decidimos que os insetos que vivem na casca pertencem à árvore tanto quanto a própria casca, então não há razão para excluirmos seus outros moradores, inclusive o pássaro que lá constrói seu ninho ou o esquilo para o qual ela oferece um labirinto de escadas e trampolins. [...]

Essas considerações me levaram a concluir que a árvore não é um objeto, mas um certo agregado de fios vitais. É isso que entendo por coisa. (Ingold, 2012, p.28 e 29)



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Tim Ingold distingue *objetos* de *coisas*, destacando que uma árvore não é um objeto isolado, mas um agregado de fios vitais que interagem com o ambiente. Para ele, uma *coisa* é algo vivo e dinâmico, conectado a um ecossistema. Quando falo das coisas que me cercam, não falo só dos objetos, mas de todas as *coisas* que me tocam ao realizar um trabalho. A casa está repleta de vizinhos: numa casca de árvore, no vão da porta, numa gaveta cheia de notinhas fiscais (com as traças se banquetando em papéis), na terra do meu canteiro, na casquinha caída da minha árvore de noz-pecã, numa teia antiga no teto, no lustre da lâmpada. Por onde olhamos, há muita vida imersa na casa. Perceber essa complexidade leva-nos a acessar certo “funcionamento” da vida, uma forma de “programação” da natureza sobre tudo que existe.

Esse conceito serve como ponto de partida para discutir como em meu trabalho, elementos cotidianos como uma gaveta cheia de notas fiscais, também desempenham um papel semelhante, servindo de ambiente para traças de papel, transformando-se em um microecossistema que se desdobrou em outra publicação que trata tanto sobre as coisas, a efemeridade da nota fiscal e os pequenos bichos da casa, intitulado de *Dentro de uma gaveta, a natureza re-vida*, 2024 (Imagem 1).



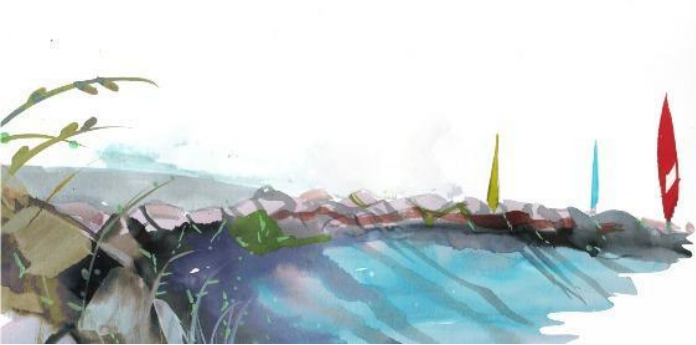


Imagem 1. Dentro de uma gaveta, a natureza re-vida, impressão em papel pólen A3 e A4, 2024.

O meu interesse pelas notas que fazem parte do trabalho começou no meu caderno de desenho como um interesse pelo material, pela textura dessas bobinas térmicas e como elas funcionam em contato com os meus materiais, as canetas hidrocores. Porém, passei a investigar mais sobre as notas e percebi a história que elas contam: notinhas de viagem, de supermercado, de materiais que precisei comprar. O que era tudo isso que eu comprava?

Notei como meu cotidiano estava todo registrado em um papel tão frágil, através do consumo. Isso me fez lembrar de uma gaveta na casa dos meus pais, onde eles guardam notas que consideram importantes, mas que convivem com outras criaturas que são desconstrutoras de matéria: as traças. Se pararmos para pensar a casa é uma engrenagem fundamental do capitalismo, sob este ponto de vista podemos ver a casa como máquina consumidora de tudo que é produzido. É preciso pensar também sobre como tudo que consumimos existe sobre uma estratégia de desaparecimento, seja o nosso lixo ou até mesmo as notas que testemunham sua compra. Por exemplo, por que esse papel se apaga? Por isso decidi fazer uma junção entre os insetos que encontro em casa e as notas, editando meus desenhos em uma publicação propondo uma forma de compreender como eles formam uma resistência à vida urbana.

Entre os bichos que aparecem nos meus trabalhos, muitos são aqueles que resistem às cidades, presenças comuns, mas nem sempre bem-vindas, como os insetos. São bichos que, por necessidade, migram para os centros urbanos em busca de abrigo e comida, muitas vezes ocupando frestas, telhados, esgotos e paredes. Há também os bichos que já ocupavam esses lugares antes de nós e foram expulsos de suas casas para que prédios sem pessoas dentro tomassem conta desse lugar. São seres que sobrevivem às transformações do território, adaptando-se ao concreto, ao asfalto, ao lixo, aos espaços que deixamos vazios ou esquecidos. Suas presenças, embora causem incômodo, revelam uma disputa silenciosa por espaço e existência. Quando desenho e trago para o campo da publicação, busco também reconhecer suas estratégias de sobrevivência e repensar a maneira como nos relacionamos com essas vidas não humanas que coabitam conosco.



Acrescento ainda que, no meu trabalho, as figurações com os desenhos dos bichos não são apenas representações, mas fabulações que convidam à imaginação e ao envolvimento com o universo dos bichos: fabulações que instigam a imaginar a partir da realidade. É nas publicações como microecossistemas que retrato os bichos que observo diretamente, identificando-os por espécie, e é também onde apresento meus “corriqueiros seres-em-encontro” e minhas “figuras fazedoras-de-sentido” (Haraway, 2022, p. 11).

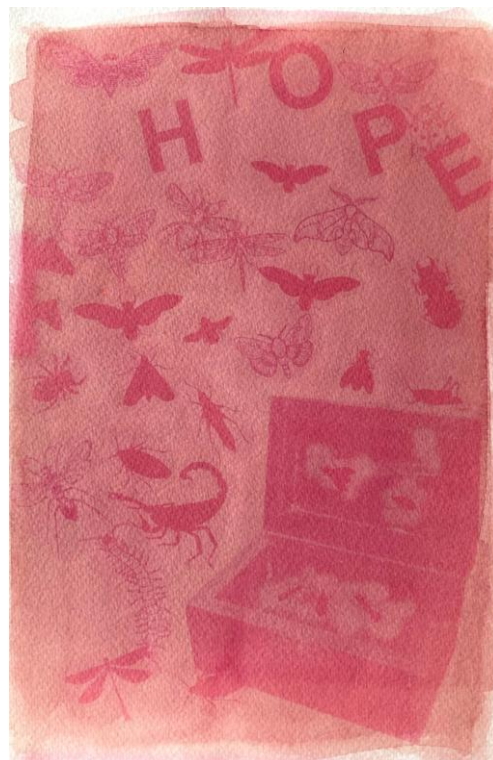


Imagem 2. Elizabeth Lee e Simone Wicca, Caixa de Pandora, Antotipia em papel A3, 2022.

Trago como referência artística o trabalho de Elizabeth Lee e Simone Wicca. O tema da esperança foi abordado no cartaz (Imagem 2) a partir da imagem da Caixa de Pandora, uma escolha que dialogava diretamente com a experiência da pandemia, época em que o trabalho foi realizado. A artista, junto com Simone, propôs tratar o mito com a esperança saindo para fora da caixa. O trabalho foi realizado com serragem de pau-brasil, parte de uma pesquisa que a artista desenvolve sobre o uso de plantas nativas para impressão.



Elizabeth Lee conta que seu trabalho naquele momento partiu dos processos com plantas, mas também como uma forma de refletir sobre a efemeridade tanto da vida quanto da própria imagem digital. O processo de imprimir imagens com antotipia é um processo que além de utilizar pigmentos naturais é naturalmente efêmero porque é afetado pela luz solar e se apaga com o passar do tempo, assim como as informações que passam pelas notas fiscais. Além disso, as artistas trazem insetos, aracnídeos e centopeias saindo de dentro da caixa, trazendo a esperança acompanhada da natureza.



Imagem 3. Operárias Insubordinadas, Impressora térmica e impressão em papel térmico usado, 48 x7,5x5 cm, 2025.

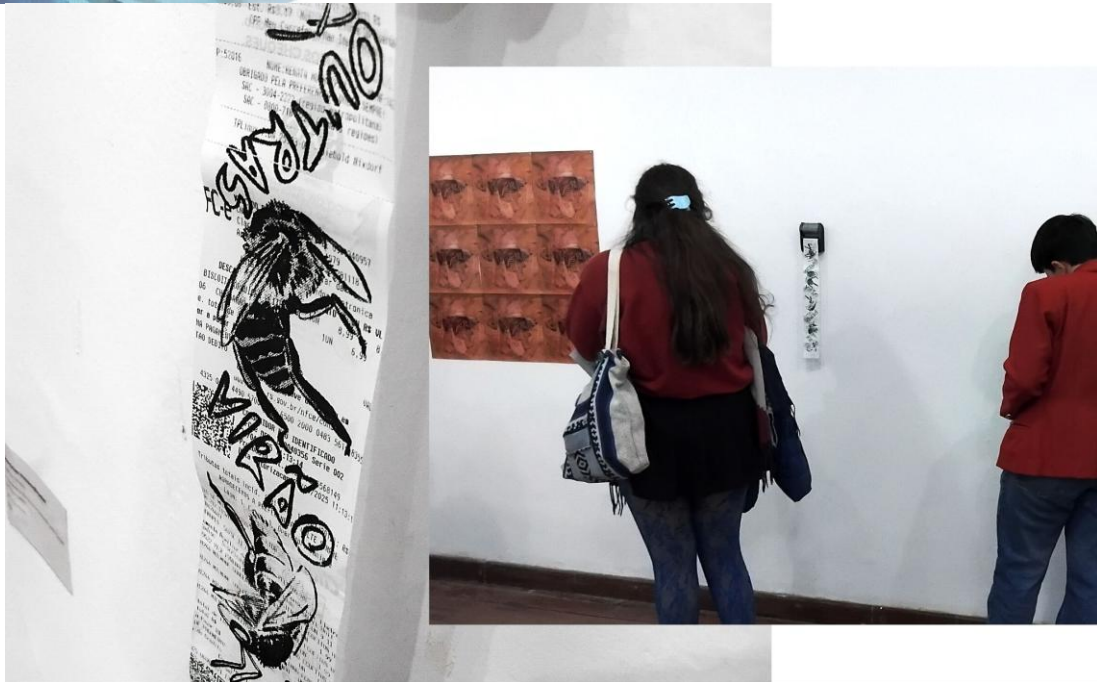


Imagem 4. Operárias Insubordinadas, Impressora térmica e impressão em papel térmico usado, 48 x7,5x5 cm, 2025.

Nesse contexto, propus um trabalho que ativa pela fabulação (Haraway, 2022) a questão do consumo com o uso e o tempo das notas fiscais e a sobrevivência das abelhas. Intitulado de *Abelhas Insubordinadas*, 2025 (Imagem 3), o trabalho trata do desaparecimento de espécies de abelhas ameaçadas de extinção conforme apontado em levantamento de 2014 sobre as 280 espécies ameaçadas no Rio Grande do Sul, publicado pelo próprio governo do estado (muitas das quais podem já estar extintas, dado que esse censo data de mais de uma década atrás), como também aborda o silenciamento e o apagamento histórico das mulheres. No trabalho busco dizer que, apesar de tudo, não importa quantas forem silenciadas, “outras virão depois de nós” (Yu, 2016), enquanto o próprio trabalho se apaga lentamente, exposto à luz artificial da galeria.

O trabalho foi exposto como parte do VIII Simpósio Internacional de Gênero Arte e Memória (SIGAM). A exposição foi realizada de 26 de maio a 11 de junho de 2025 na Galeria A Sala, no Centro de Artes da UFPel. Os trabalhos expostos propunham reflexões sobre a relação entre palavra e imagem, abordando questões de gênero, raça e classe sob perspectivas feministas contra-coloniais e ativistas.



A velocidade do mundo contemporâneo afeta até mesmo os elementos da cultura, que precisam ser consumidos com a mesma urgência. A visita a uma exposição, muitas vezes, se encaixa em uma breve janela de tempo durante a semana (e isso quando há tempo) e a própria exposição existe dentro de um breve momento. Obrist aponta que o tempo formatado da cultura de exposição é regido pela lógica do “começou-acabou”. Trata-se de uma cultura em que, quando a exposição é desmanchada, tudo é pintado novamente de branco. (Obrist apud Melim, 2006, p. 83), isso faz pensar como a Arte e seu sistema operam segundo lógicas que, por vezes, valem a pena serem tensionadas ou repensadas a partir de outras perspectivas.

Por isso considero importante trazer a questão da efemeridade para o trabalho dentro da exposição. Relacionar as mulheres e outros grupos historicamente marginalizados como as abelhas no trabalho, que pelo título levanta ainda outra reflexão, sobre como certos grupos de humanos, associados pejorativamente a animais, são marginalizados e explorados pelo poder soberano (Maciel, 2023, p.20) de forma recorrente, assim como os bichos, serem considerados menos que outros humanos.

Lembremo-nos, pois é necessário estarmos sempre nos chamando a atenção, que haveria menos crianças mártires se tivesse havido menos animais torturados; menos vagões lacrados levando para a morte as vítimas de uma ditadura qualquer, se não tivéssemos nos acostumados com os furgões em que os animais agonizam se alimentação e sem água a caminho dos matadouros; menos caça humana teria sido abatida a tiros se o gosto e o hábito de matar não fosse o apanágio dos caçadores. (Yourcenar apud. Maciel, 2023, p.21)

A nossa relação com a vida configura nossa atuação ética com o mundo. As notas fiscais fazem parte do nosso sistema distópico e são tão voláteis quanto ele. Usei notas do meu próprio consumo e desenvolvi uma impressão que ressalta esse apagamento. Utilizei desenhos (Imagem 5) que fiz em meu diário de processo de espécies de abelhas ameaçadas de extinção pertencentes às espécies *Melipona bicolor schenki*, *Melipona obscurior*, *Melipona quadrifasciata quadrifasciata* e *Monoeca xanthopyga*, todas espécies da fauna gaúcha, e a partir desses registros preparei o arquivo digital que seria reimpresso nas notas.



T I I T D T E
OUTRAS VIRÃO E
U DEPOIS DE NÓS A
E E E NÓSSA



Imagem 5. Desenhos do diário de processo utilizados na publicação, 2025.

Ao desenhar as abelhas e os textos, estabeleço uma ligação entre o feminino e as operárias, refletindo sobre o silenciamento das mulheres pelo sistema capitalista. As mulheres enfrentam uma dupla jornada de trabalho e sempre trabalharam, desde o período paleolítico até os dias de hoje, inclusive em tempos de guerra. Atuavam na coleta assim como atuam nas fábricas e dentro de casa. Além de precisarem se sustentar, ainda são designadas por esse sistema patriarcal para cuidar do lar e dos afazeres domésticos, o que torna ainda mais difícil conciliar trabalho e a vida. Mesmo assim, seu esforço raramente é reconhecido como um trabalho legítimo. As abelhas, por sua vez, têm o nome interpretado no feminino pela estrutura da língua portuguesa e, culturalmente, são compreendidas como símbolo de uma sociedade dedicada ao trabalho. Por isso, busquei fazer essa aproximação de dois temas que me são tão caros.

A impressão se apaga quanto mais fica exposta à luz no espaço expositivo, mas ocupa o imaginário com a resistência e a esperança de que, não importa o quanto sejamos apagadas da história, outras continuarão nosso trabalho. São programações da natureza, de quem precisa resistir, sempre. Apesar de ser um trabalho efêmero, em que a imagem se desfaz no exato momento em que transmite sua mensagem, a



impressora permanece como parte do objeto exposto. Ela é o bem durável que insiste, dia após dia, em lembrar aquilo que precisa ser dito (assim como eu também insisto). Há aqui uma disputa do imaginário: imagens que se apagam, mas que podem ser continuamente replicadas.

Walter Benjamin (2018), em *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, observa que a obra de arte reproduzida tende a ser criada já com a reprodução em mente. Michel Zóximo (2011), ao aplicar essa ideia às publicações, se percebe que o original existe em função das suas cópias, o que aproxima esse pensamento dos princípios seriais da produção de uma publicação artística. A publicação artística permite essa reprodutibilidade porque guarda sua matriz, e é essa matriz que garante a possibilidade de repetição. É um trabalho que nasce do cotidiano, do tempo vivido que precisa do gesto de guardar as notinhas que vêm junto da compra de alimentos, algo ligado a uma necessidade básica, o que também aponta para a repetição mecânica da sobrevivência no capitalismo. Nesse sentido, o impresso não deveria subestimar suas matrizes, como aponta Michel Zóximo (2011) ao discutir a reprodutibilidade em Walter Benjamin. É justamente a matriz que sustenta o ciclo entre presença e desaparecimento, entre o gesto de criar e o de repetir. Publicar ainda é uma forma de promover encontros e um chamado à participação dos leitores para que, quando atravessados pelo trabalho, se tornem também autores. (Cadôr, 2020, p.312)

Essa dinâmica também se conecta novamente com o trabalho das artistas Elizabeth Lee e Simone Wicca, que dedicaram duas semanas para garantir a qualidade da impressão em *Caixa de Pandora*, de 2022 (Imagem 2), ao deixar a matriz exposta ao sol durante esse tempo para ter uma impressão nítida. No meu caso, o tempo está antes da impressão: está na coleta, na espera cotidiana pelo acúmulo do que será apropriado e reimpresso. A impressão em si é rápida, mas todo o processo exige um tempo que não é só técnico, é vivido. Em ambos os casos, há uma dedicação ao que está prestes a desaparecer, como se o trabalho tivesse o mesmo tempo de vida que o instante em que é feito.



Retomando os insetos, Didi-Huberman (2018) faz uma comparação da caça pela imagem como uma caça à uma mariposa, movidos pela emoção, passamos o dia perseguindo a imagem, fascinados pelo que nela escapa e não se deixa fixar. Quando a noite cai, ela desaparece. Em casa, à luz de uma vela, reaparece por um instante, mas logo entendemos que não era por nós que ela se movia, era pela chama. Ela se aproxima, se inflama, e no fim resta apenas as cinzas da imagem.

Não podemos mais falar de imagens sem falar de cinzas. Elas registram nossos abalos e perdas, e não devem ser separadas das palavras ou dos livros. Imagens e textos formam juntos a memória, sempre ameaçada pelo esquecimento e pela destruição. Por isso, ao abrir um livro, devemos lembrar do milagre de ele ainda existir, apesar de tantos terem sido queimados (Didi-Huberman, 2018). A imagem se dá no limiar entre a presença e a destruição. As imagens produzidas pelo capitalismo também queimam, mas elas se repetem para anestésiar. Aqui, no trabalho a repetição que proponho é outra, busca enfatizar que é memória, é alerta, é insistência.

Concluir esta escrita é, ao mesmo tempo, insistir naquilo que se desfaz. As publicações que crio, habitadas por bichos urbanos e impressas em suportes frágeis, operam como pequenos gestos de resistência diante de um mundo que apaga. São imagens que não pretendem durar, mas provocar. Ao se apagarem, denunciam o desaparecimento de espécies, de histórias e de formas de existir que não cabem na lógica acelerada do capital. São trabalhos que, mesmo efêmeros, ativam a memória, convocam presença e abrem espaço para imaginar outros modos de vida em meio ao concreto, às gavetas esquecidas e às frestas por onde ainda entra a natureza.

Dessa forma, pensar a publicação como microecossistema é propor um território em que arte, vida e política se entrelaçam. Através da fabulação, da observação atenta do cotidiano e da escolha consciente dos materiais, procuro criar encontros entre seres e tempos, entre vestígios do efêmero e desejos de continuidade. Ao afirmar que “outras virão depois de nós”, recuso o apagamento e insisto em habitar o intervalo entre o que se perde e o que resiste. Publicar, para mim, é uma forma de lembrar, de fazer durar, mesmo que por pouco tempo, o que a lógica dominante tenta constantemente esquecer.



Referências

- BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na era de sua Reprodutibilidade Técnica. Porto Alegre, RS. Editora L&PM. 2018.
- CADÔR, Amir. Publicamos para encontrar camaradas. ARS (São Paulo), [S. l.], v. 18, n. 38, p. 297–313, 2020. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ars/article/view/164764>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- ELIZABETH LEE. Plantas e imagens fotográficas sensíveis. 2022. Disponível em: <https://abethlee.com/2022/10/31/plantas-e-imagens-fotograficas-sensiveis/> Acesso em: 13 junho 2025.
- FABBRI, Malin. Anthotype Emulsions. Londres, Inglaterra. Editora Alternative Photography. 2022.
- GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. RS tem 280 espécies de animais ameaçadas de extinção. 2014. Disponível em: <https://www.estado.rs.gov.br/rs-tem-280-especies-de-animais-ameacadas-de-extincao>. Acesso em: 13 junho 2025.
- HARAWAY, Donna. Quando as espécies se encontram. São Paulo, SP. Ubu Editora. 2022.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. A imagem queima. Caxias do Sul, RS. Editora Medusa. 2018.
- INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p.25-44, jan./jun. 2012.
- MACIEL, Maria Esther. Animalidades: zooliteratura e os limites do humano. 2023. São Paulo, SP. Editora Instante. 2023.
- MELIM, Regina. Espaço portátil: exposição-publicação . ARS (São Paulo), [S. l.], v. 4, n. 7, p. 78–83, 2006. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ars/article/view/2963>.. Acesso em: 19 maio 2025.
- MØGLIN-DELCROIX, A. Pequenos livros & outras pequenas publicações. Tradução de CADÔR, A. B. Revista-Valise, Porto Alegre, v.5, n.9, p. 161-165, 2015.
- REY, S. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, B. TESSLER, E. O meio como ponto zero. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002. Cap.9, p.123-140.
- ROCHA, Michel Zózimo da. Estratégias expansivas: publicações de artistas e seus espaços moventes. Porto Alegre, RS. Edição do Autor. 2011.
- WICCAVERNA. anthotypeday 2022. Disponível em: <https://wiccaverna.wordpress.com/2022/08/21/anthotypeday-2022/> Acesso em: 13 junho 2025.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

YU, E. Lily. As vespas cartógrafas e as abelhas anarquistas. In: Criaturas Estranhas. Rio de Janeiro: Editora Fantástica Rocco. 2016.

Notas

³ Esta pesquisa também é fruto das reflexões que desenvolvo junto ao Projeto de Pesquisa Lugares-livro: dimensões materiais e poéticas, coordenado pela minha orientadora, professora Dra. Helene Sacco. Neste projeto, nós somos motivados a compreender que espaço é esse que criamos ao inventar uma publicação e/ou um livro de artista. O projeto de pesquisa investiga o livro de artista como meio expressivo nas práticas contemporâneas em arte, destacando sua capacidade de registrar, editar e expandir a experiência poética.